

## Os pequeninos do berçário aguçando os sentidos.

Maria Luciana Antonini  
Isabel Calabresi  
Vera Fragiaco  
[mlach@uol.com.br](mailto:mlach@uol.com.br)

### Resumo

O presente trabalho foi desenvolvido em uma sala de Berçário I do *CEMEI Walter Blanco* com crianças entre 4 a 15 meses de idade e teve como ponto de partida a própria observação das professoras durante o período de adaptação ao constatar como esses pequenos utilizavam as mãos e aboca para explorar o ambiente que lhes era desconhecido.

Nós professoras sabemos que trabalhar a estimulação dos sentidos auxilia na descoberta do próprio corpo e do mundo que nos cerca, por isso construímos em nossa sala de aula um ambiente rico em estímulos para aguçá-los.

### Introdução

Usamos os cinco sentidos para conhecer o mundo que nos cerca. Os bebês em particular, aprendem muito através da exploração. Através da observação notamos como os bebês usam os cinco sentidos para explorar o ambiente. Deste modo, pensamos em desenvolver o trabalho voltado para a exploração e utilização dos mesmos.

Foi a partir deste questionamento que desenvolvemos nosso trabalho. Para tanto, disponibilizamos materiais (descritos mais adiante) na sala de aula em espaços acessíveis as crianças (tatame, estantes baixas e caixas). A exploração e manuseio dos materiais permitiram-nos observar o desenvolvimento dos bebês a partir da estimulação sensorial.

### Objetivos

- Estimular através de atividades diversas a percepção a partir dos cinco sentidos;
- Observar e registrar o desenvolvimento dos bebês em relação às descobertas sensoriais.

### Desenvolvimento

Nossa turma do Berçário I é composta por 21 crianças com idade entre 4 a 15 meses. Além das atividades de higiene e alimentação, adaptamos atividades que não lhes oferecem perigo nenhum.

A exploração com as mãos (tato) é o mais recorrente e observável na sala de aula. "Ao tocarmos alguma coisa, objeto ou até partes do nosso corpo, conseguimos senti-la porque temos pequenos sensores de tato, que estão escondidos na pele. Em seguida, os nervos levam mensagens para o nosso cérebro que as



Foto 1 - criança manuseando bolas plásticas, esfregando uma na outra

utiliza para decifrar o que estamos tocando” (Larousse,1991).

Utilizamos neste trabalho todos os objetos de que dispúnhamos dentro da sala de aula (bolas plásticas, brinquedos de pelúcia, esponjas ásperas e macias, latas encapadas com diferentes texturas, algodão, brinquedos e instrumentos musicais) selecionando-os de acordo com as texturas, cores e sons diversos. Sabíamos que não obteríamos respostas verbais e nem mesmo concisas, apenas podíamos observar as reações de cada um, como caretas, recusas do que não gostam de por a mão, ou até mesmo resmungos e assim anotamos cada observação feita pelas professoras perante cada atividade proposta.

Adaptamos latas de diferentes formatos, envoltos em algodão, papel camurça, lixa, ou a própria lata. Deixamos os materiais dispostos no tatame para que explorassem à vontade.

Observamos as atitudes que as crianças tinham ao explorar, fazer careta para objetos ásperos e querer ficar com brinquedo macio nas mãos, explorava com mais prazer o macio enquanto o áspero era deixado de lado. A maioria sempre recorria a materiais com características macias e lisas, uma ou duas crianças apresentaram atitudes diferente.



Foto 2: Criança explorando o algodão e colocando-o em contato com o rosto.

Para intensificar as sensações a partir do tato, levamos as crianças para a área externa da escola. Nossa intenção era que as crianças percebessem o contraste entre o pisar na grama e o chão áspero. Observamos que algumas crianças não quiseram andar pelo chão áspero, pois pediram colo, enquanto na grama eles brincaram mais à vontade. Algumas crianças também passaram à mão no chão e retiraram imediatamente. Já na grama tatearam com as mãos, alguns deitaram demonstrando sentir prazer.

Durante a exploração dos brinquedos citados no desenvolvimento do trabalho, observamos que as crianças passaram a procurar por objetos que ficavam “esquecidos” na estante nos berços etc. Notamos então que as crianças recorreram a memória e a percepção visual para alcançarem os brinquedos desejados.

As atividades utilizadas para aguçar e estimular a visão foram simples: usamos objetos e brinquedos de várias cores, apagamos e ascendemos às luzes, a brincadeira de esconder (onde no início as professoras cobriam a cabeça das crianças



Foto 3 - Criança tateando três esponjas macias, escolhidas por ela.

e com o passar dos dias, eles iam brincando sem nossa ajuda), andar dentro e fora de um bambolê com brinquedos e alguns materiais da linha movimento, e até mesmo o reflexo do sol através das janelas da sala (quando eles notavam que o sol era muito claro e incomodava a própria criança mudava de lugar).

Durante a exploração dos materiais (brinquedos, objetos e instrumentos), observamos que houve um interesse grande pelos instrumentos sonoros.

Foram utilizados vários recursos como toquinhos de madeira, chocalho de brinquedo e até aqueles confeccionados pelas professoras, com potes de plástico com tampas lacradas e diferentes tipos de materiais para obter diferentes sons, colocamos arroz, feijão, macarrão, pedra, papel. Como mostra a foto 4.



Foto 4 - Crianças brincando com chocalhos de diferentes formatos.

As crianças brincavam cada vez com um chocalho, os maiores com um para depois brincar com outro, notaram assim a diferença que havia nos sons que cada chocalho produzia. Enquanto os bebês pareciam somente querer fazer barulho. Mas ao encontrar um local para bater o chocalho e o som ser alto, batia produzindo o som e depois olhavam para as professoras como se pedindo consentimento para continuar.

Percebemos que em um primeiro momento os instrumentos foram apenas tateados. Os bebês passavam pelas mãos e pelos pés sugerindo estar sentindo a “textura” do objeto desconhecido. A sonoridade foi descoberta por uma criança e depois disso, todos começaram a movimentar para produzir som. Percebemos a procura pelos instrumentos com som mais estridente e forte. Notamos também que quando uma criança produzia um som com um instrumento, às demais procuravam pela sala para detectar de onde vinha aquele barulho.

Desde o início do ano notamos que as crianças desde muito pequenas utilizam o olfato para reconhecer a mãe. Um dos recursos utilizado na adaptação das crianças foi trazer de casa um objeto que contém o cheiro da mãe e da criança um aroma familiar, isso foi feito logo no início, a mãe trazia um brinquedo, uma roupa contendo o cheirinho da mamãe, para que acostumassem com o cheiro da creche e o aroma das professoras, assim as crianças traziam para a creche o cheiro de casa e para a casa o cheiro da creche.

Introduzimos alguns aromas que não faziam parte de seu cotidiano, como canela, cravo, pó para gelatina de morango. Foram feitos em potes com pequenos furos para que o aroma saísse e a criança pudesse sentir o cheiro ao manipular. Apesar de serem aromas diferentes, algumas crianças queriam brincar com os potes, gostaram dos potes com os quais produziam som, tentavam cheirá-los. Pretendemos propor outras situações em que a criança possa agir mais em relação à estimulação olfativa.

Sobre o paladar não propusemos nenhuma situação, pois as crianças seguem um cardápio específico.

## Resultados

Lembramos aqui que a cada passo de nosso trabalho sobre os sentidos, as crianças estão explorando e conquistando cada vez mais seu espaço. Durante as observações feitas pudemos perceber que nesses meses de trabalho desenvolvido, essas crianças modificaram sua maneira de explorar o ambiente e os objetos que as cerca. Percebemos que para brincar e explorar os espaços e os materiais as crianças dependiam de nós, precisavam que levássemos os brinquedos a elas.

Agora, as crianças procuram pelos objetos, tateiam, experimentam com a boca e cheiram.

O fato de dispor os materiais foi extremamente positivo para estimular a percepção sensorial, de maneira global, pois uma estimulação leva à outra.

### **Referências Bibliográficas**

ABRAMOWISZ, Anete; WAJSKOP Gisela, **Educação infantil Creches**. São Carlos: Editora Moderna, 1996. 109 p.

LAROUSSE, Enciclopédias Nova Cultural, edição 1989; Editora Nova Cultura/Globo.

ESCOLA VIVA. Programa de pesquisa e apoio ao estudante- 1ª edição- São Paulo, Meca 1988.

**NOVA ESCOLA**. Editora Abril, edição especial, nº 15 e edição nº213 ano XXIII.

PROFESSOR SASSÁ. Editora Minuano, ano II, nº13.